

Viver o eterno presente

João Peneda

Professor Auxiliar de Ciências da Arte na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa
Investigador do CIEBA, Coordenador do Mestrado em Educação Artística.

Resumo

Este ensaio tem como pano de fundo o pensamento do primeiro Wittgenstein e, em particular, a afirmação desconcertante do final do *Tractatus*: a ideia de unificação das três dimensões fundamentais do humano (o estético, o ético e o místico). Estas corresponderiam a uma mesma realidade caracterizada como transcendente, isto é, fora do mundo dos factos, do espaço-tempo, e portanto inefável, indizível, sobre a qual o melhor seria guardar silêncio (*schweigen*). A nossa chave de leitura passa pela exploração da ideia de eterno presente a partir de uma pista deixada pelo filósofo austríaco: "Se se entende por eternidade não uma duração temporal infinita mas a atemporalidade, então vive eternamente quem vive no presente." O eterno presente seria a resposta simultaneamente mística, ética e estética à condição humana. Eis uma possível saída para a nossa finitude: viver no presente, ou seja, segundo a óptica da necessidade interna. Esta seria, no fundo, a arte suprema: a arte de saber viver.

Palavras-chave

atitude, silêncio, eterno presente, necessidade interna, arte

Abstract

This essay is based on the thought of the first Wittgenstein and, in particular, on the disconcerting claim at the end of Tractatus: the idea of unifying the three fundamental dimensions of the human condition (the aesthetic, the ethical and the mystical). These would correspond to one same reality characterized as transcendent, meaning outside the world of facts, space-time, and therefore ineffable, unspeakable, about which we would do better to keep silent (schweigen). Our emphasis in this paper is to explore the idea of the eternal present from a clue left by the Austrian philosopher: "If we take eternity to mean not infinite temporal duration but timelessness, then eternal life belongs to those who live in the present." The eternal present would be the simultaneously mystical, ethical and aesthetic answer to the human condition. This would be a possible way out for our finitude: to live in the present, that is, according to the internal need's viewpoint. In essence, this would be the supreme art: the art of knowing how to live.

Keywords

attitude, silence, eternal present, internal necessity, art

“A solução do enigma da vida no tempo e no espaço situa-se fora do tempo e do espaço.” Wittgenstein¹

“Se se entende por eternidade, não uma duração temporal infinita, mas a atemporalidade, então vive eternamente quem vive no presente.”

Wittgenstein²

O sentido da nossa vida decorre do modo como encaramos a existência. O fundamental está decidido à partida. As respostas que assumimos às perguntas essenciais condicionam tudo o resto. Uma dessas questões prévias e decisivas³ é a seguinte: será a vida uma entidade inteligente e bem-intencionada que nos proporciona o melhor para a nossa aprendizagem e evolução ou será apenas o resultado de um conjunto de forças contingentes sem nenhum propósito? Não deixa de ser curioso que a mesma vida que todos partilhamos seja compatível com perspectivas tão distintas e até contraditórias: da finitude mais radical – da completa ausência de finalidade – até à crença numa entidade de sabedoria absoluta. Não conhecemos ao certo, sem margem para dúvidas, se a vida é sumamente benevolente ou se não passa de uma palavra que nomeia um conjunto de impulsos independentes e fortuitos. É o nosso posicionamento geral em relação à existência que acaba por separar as águas. Temos assim as duas perspectivas mais extremas: a vida seria totalmente neutra e indiferente à nossa existência⁴ e, por outro, a ideia de que tudo decorre com as melhores intenções, obedecendo a um plano maior,⁵ mesmo que este transcenda a nossa compreensão.

Da perspectiva da finitude, os eventos da nossa existência são vistos como casuais, gratuitos e sem qualquer desígnio. O significado que venham a ter resume-se às explicações dadas pela física (leis naturais) e pela biologia (homeostasia, sobrevivência), ou ainda ao sentido suplementar que lhes é atribuído por nós, ainda que por vezes possa ser ilusório e até delirante. Em alternativa, da perspectiva da infinitude, podemos olhar para os acontecimentos da vida como o resultado da pura sabedoria, como uma verdade que nos está a ser revelada. Mais uma vez, a mesma realidade, os mesmos acontecimentos são estranhamente compatíveis com perspectivas muito diferenciadas e até opostas.⁶ Depois de muitos anos de experiência, continuamos sem saber ao certo se tudo isto que nos acontece é completamente gratuito ou se tem sentido e propósito.

O objectivo deste ensaio é clarificar o conceito de eterno presente a partir de Wittgenstein, apostando e explorando a perspectiva da infinitude. Na sua versão mais extrema, tudo aquilo que a vida nos propõe teria sentido, seria uma interpelação que nos é dirigida,⁷ responsabilizando-nos e representando para nós uma prova e até uma oportunidade de serviço ao plano maior.⁸ Cada situação da nossa existência seria principalmente um desafio ético e espiritual.⁹ A cada um caberia saber reconhecer a verdade que lhe diz respeito. Obviamente, estamos

aqui a lidar com um conceito muito particular de verdade. Esta seria uma revelação interna que nos é endereçada gradualmente pela própria vida, quando há da nossa parte abertura e receptividade.¹⁰ Deste ponto de vista, cada situação existencial comporta um certo dilema que nos implica directamente,¹¹ representando uma aprendizagem que contribui para a nossa tomada de consciência e evolução. A vida estaria permanentemente a falar com cada um de nós, apesar de lhe podermos fazer ouvidos de mercador.¹² Claro, aqui, a distinção entre sanidade e delírio é muito fina.¹³

Da perspectiva da infinitude, podemos acrescentar ainda que o eterno presente¹⁴ se cumpre a todo o momento. Todos os acontecimentos da vida seriam urdidos por leis internas.¹⁵ Na verdade, pode bem acontecer que esteja tudo certo, a decorrer na perfeição, segundo princípios e leis que desconhecemos, apesar das dúvidas dos filósofos, dos dramas dos poetas e da indignação do homem comum. Ou seja, segundo a medida e a necessidade da aprendizagem de cada ser, o eterno estaria sempre presente,¹⁶ ainda que oculto para a maioria. Segundo as palavras de Wittgenstein: "Para o homem, o que é eterno e importante está muitas vezes coberto por um véu impenetrável. Ele sabe: há algo ali por baixo, mas não o vê. O véu reflecte a luz do dia."¹⁷ Desta perspectiva transpessoal seríamos sempre confrontados com tudo aquilo que nos corresponde. Se adoptarmos a atitude mais correcta, a mais adequada, o caminho poderá ser mais curto e, acima de tudo, menos doloroso.

Deste modo, o que está nas nossas mãos, o que depende de nós não são as situações, mas sim o modo como lidamos com as mesmas, ou seja, a nossa atitude perante os desafios da vida. O que está em causa não são os eventos enquanto tais, mas sim o modo como nos relacionamos com eles.¹⁸ Percebemos assim que a nossa atitude perante a vida constitui um factor determinante a ter em conta. Segundo Wittgenstein, a adequação da nossa vida à "forma da vida" seria a saída para a existência humana: "A solução do problema que tu vês na vida é um modo de viver que faz desaparecer o problemático. Que a vida seja problemática quer dizer que a tua vida não se ajusta à forma da vida. Tu tens então de mudar a tua vida e, se ela se ajusta à forma, então o problemático desaparece."¹⁹ A questão seria depois aclarar o sentido e o referente da expressão a "forma da vida", apurando ainda se podemos ter algum tipo de acesso a essa realidade.

No *Tractatus*, Wittgenstein afirma ainda que "o sentido do mundo tem que estar fora do mundo."²⁰ O que tem efectivamente valor estaria para além do dizer ou do pensar. Segundo o filósofo austríaco, a linguagem seria incapaz de expressar o mais elevado. Habitualmente, interpretarmos o assinalar dos limites da linguagem em Wittgenstein como uma tentativa de circunscrever a nossa finitude. Mas, na verdade, o autor acaba por remeter-nos justamente para além desse limiar, como se aí estivesse o ouro a ser descoberto e resgatado, certamente a partir de uma via não linguística, através do silêncio (*schweigen*), como é proposto no final da sua obra. É nesse território que transcende o que pode ser dito que o filósofo situa o fundamental que poderá dar conta da condição humana: a lógica,²¹ o estético, o

ético e o místico. Nenhuma destas realidades seria dizível: “as proposições não podem exprimir nada do que é mais elevado.”²² O sentido da vida seria algo transcendente à condição mundana: “A solução do enigma da vida no tempo e no espaço situa-se fora do tempo e do espaço.”²³

Para Wittgenstein, o próprio mundo seria uma realidade neutra do ponto de vista ético: “Pois, em si, o mundo não é bom nem mau.”²⁴ A existência do ético dependeria exclusivamente da vontade humana enquanto realidade “transcendental”, não enquanto realidade empírica e psicológica: “O bem e o mal só advêm através do *sujeito*.”²⁵ Como é sabido, o *Tractatus* termina com uma tese lacónica:²⁶ “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve guardar-se silêncio.” Sobre o que transcende a linguagem, sobre o mais elevado – de que seria impossível falar – o melhor seria não dizer palavra, calar-se (*schweigen*). Alguns detectam aqui a falência ou até a morte da filosofia (estética, ética) e da religião. Na verdade, o desafio é ir ao encontro de outro fundamento (transcendente) para o espiritual, para a filosofia, para a ética e para a arte. Para nós, uma das saídas para este impasse será justamente repensar a natureza e o alcance do silêncio.²⁷

Em Wittgenstein, o silêncio é, por um lado, profilático, terapêutico, isto é, evita falarmos do que não pode ser dito;²⁸ mas, por outro, é também uma indicação que aponta para o mais importante – “além do espaço-tempo” (*außerhalb von Raum und Zeit*) –,²⁹ para “Deus” como condição do sentido do mundo.³⁰ Para o filósofo austríaco, remeter-se ao silêncio (*schweigen*) seria a única forma de exprimir de algum modo o indizível, “o mais elevado”. Perante este impasse, a nossa proposta é dupla: encontrar uma outra forma de pensar e valorizar a atitude e o silêncio (não como mudez, mas como uma experiência interior reveladora) e indicar ainda uma via (hipótese da alma) de superação do dilema de Deus como realidade transcendente, como acontece em grande medida na teologia judaico-cristã, matriz onde se move o pensamento de Wittgenstein. Por sua vez, a nossa chave de leitura passa pela exploração da ideia de eterno presente a partir de uma pista deixada pelo próprio filósofo: “Se se entende por eternidade não uma duração temporal infinita mas a atemporalidade, então vive eternamente quem vive no presente.”³¹ Esta seria a resposta simultaneamente espiritual, ética e estética à existência humana, pois introduziria no mundo o sentido em falta, “na perspectiva da eternidade” (*sub specie aeterni*).³²

Na tradição ocidental, o eterno (*αἰών*) corresponde à condição do Ser (Parménides, Platão), uma realidade que está acima da sucessão dos factos, da cronologia (*χρόνος*), do tempo. A eternidade (*aeternitas*) é da ordem da permanência, da imutabilidade, da ilimitação. Essa é a condição do divino: absoluta presença e posse de si.³³ Por sua vez, na teologia cristã predomina a ideia da transcendência de Deus. Só a graça divina pode salvar o homem da sua condição de queda (pecado), do seu afastamento da vida eterna.³⁴ Em Wittgenstein, a eternidade é o que se situa para além do espaço-tempo, mas também o que confere ao mundo o sentido em falta. A dificuldade será ir além da nossa condição mundana, escapar à tirania do tempo, aceder ao eterno, uma

vez que, como refere o filósofo, “o sentido do mundo” terá de ser encontrado “fora do mundo.”³⁵ Perante a ideia da transcendência de Deus, e na ausência de um acesso directo ao eterno, resta-nos a possibilidade de considerar um representante do mesmo à nossa escala,³⁶ ou seja, a hipótese da alma.³⁷

Há uma pergunta que se impõe: a nossa condição coincide e esgota-se nos corpos da personalidade ou existem núcleos superiores de consciência? Se admitirmos esta última possibilidade,³⁸ o primeiro patamar seria a alma.³⁹ Esta seria o verdadeiro “sujeito suposto saber”,⁴⁰ uma outra vontade (Wittgenstein), o representante do eterno⁴¹ ou da necessidade maior. Por se situar fora do mundo, a alma seria a melhor hipótese para dar conta da condição de possibilidade do estético, do ético e do espiritual, no fundo, o representante mais imediato daquilo que Wittgenstein chama Deus (enquanto realidade transcendente). A alma seria o princípio de orientação interna onde podemos encontrar os estímulos para conduzir a nossa existência de acordo com o que é necessário e correcto. No fundo, se a vida for de facto sábia e benevolente, é no nosso ser interno que podemos perceber melhor os seus intentos. Como veremos mais à frente, a única forma de alcançarmos a serenidade – apaziguarmos a tensão (exigência) que nos constitui –, será viver o eterno presente,⁴² ou seja, cultivar uma atitude de entrega incondicional à vida interna, ao representante da vontade maior.

Não estamos a falar de algo meramente abstracto ou metafísico. Muitos de nós temos em consideração o nosso sentir mais profundo, o que este nos revela como mais apropriado numa determinada conjuntura. A alma seria a chamada voz da consciência,⁴³ a intuição, o sentir do coração.⁴⁴ É claro que este lado interior tem muitas vertentes,⁴⁵ camadas e níveis; tudo depende do nosso grau de consciência, de aprofundamento, de entrega, da qualidade da nossa atitude, da aptidão para o silêncio. O interior pode incluir algo tão diverso como estímulos físicos, instintivos, pulsionais, fantasias, delírios, emoções, mecanismos de defesa, crenças; mas também boas intenções, imagens (símbolos) transformadoras e edificantes, sentimentos elevados, intuições. Estes seriam os impulsos transpessoais.⁴⁶ A hipótese da alma representa assim a possibilidade de um saber e de uma necessidade acima da personalidade. Obviamente, a questão que se coloca é se existe efectivamente uma vida interna, uma experiência interior para além do registo psicológico, isto é, um núcleo de consciência acima do mental. É esta a aposta da psicologia transpessoal. Nas palavras do pioneiro Roberto Assagioli: “existe um Sábio assim, um Mestre deste tipo; está muito próximo e sempre presente em cada um de nós. É o Eu Superior, o Si Mesmo espiritual. Para chegar até ele é preciso fazer uma viagem, sim; mas uma viagem pelos mundos internos. Para alcançar a sua morada é necessário escalar, ascender até às alturas do superconsciente.”⁴⁷ Haveria ainda que isolar e distinguir o estímulo da alma dos impulsos da personalidade, em especial das invectivas do superego. A nosso ver, a chave é a qualidade da nossa atitude, isto é, o grau de receptividade e de entrega aos estímulos mais elevados.⁴⁸

A ideia de alma, como o representante do eterno à nossa escala, permite

pensar de outra forma a proposta wittgensteiniana de “viver o presente” e o “eterno” simultaneamente. A psicossíntese de Assagioli indica-nos o caminho: “o Si Mesmo possui o sentido do eterno; ou, melhor dito, vive no eterno. Mas no eterno *presente*, não numa eternidade apenas transcendente separada do devir evolutivo.”⁴⁹ Podemos assim esboçar uma tentativa de resposta para a dificuldade explicitada por Wittgenstein. O “Si Mesmo” (Assagioli) ou a alma seria o representante do eterno (transcendente) e, desse modo, a condição de possibilidade do espiritual, do ético e do estético (Wittgenstein). Todavia, o acesso ao instrutor interno (alma), teria como condição a qualidade da nossa atitude.

A atitude é um termo abordado na filosofia⁵⁰ e também na psicologia. Refere-se à dimensão prática da vida humana. Traduz a nossa conduta, a disposição de fundo, a orientação, o modo como lidamos com a existência, a tonalidade geral com que encaramos as diversas situações. A nossa atitude no dia-a-dia reflecte a postura geral em relação à vida no seu todo; na sua formulação mais extrema: se acreditamos na sabedoria da vida ou se desconfiamos dos infortúnios da existência. Por sua vez, o estado actual de desenvolvimento da nossa atitude é o que chamamos carácter, ou seja, o modo de ser e de agir de uma pessoa, o conjunto dos traços e disposições da personalidade com que reagimos aos desafios da vida. No fundo, a qualidade da nossa atitude é o que nos define, revelando o nosso carácter.⁵¹ Por sua vez, melhorar a atitude é algo que depende exclusivamente de nós. Se há alguma coisa que podemos aperfeiçoar é de facto a nossa atitude/carácter.⁵² Tal revela que a condição humana é transitiva e perfectível (Platão). A nossa própria vida interna parece interpelar-nos e pressionar-nos no sentido evolutivo.⁵³ Há algo em nós que nos convoca a um aprimoramento, de tal modo que o fundamental na existência parece resumir-se ao desafio de fazer sempre mais e melhor.⁵⁴

A vida confronta-nos a todo o momento com situações a que somos obrigados a responder. Ninguém está isento de provas desde que nasce até ao último suspiro. A nossa consciência, mais leve ou mais pesada, depende do modo como procuramos superar cada uma dessas provas. A má-consciência decorre de termos ficado aquém do nosso potencial; por sua vez, a boa-consciência corresponde ao encontro com as nossas possibilidades mais elevadas. Neste sentido, o grande repto da vida parece ser sobretudo subjectivo, interior, ético, espiritual. A atitude define o que nos motiva, as necessidades a que respondemos, o que valorizamos. Por exemplo, se temos em vista apenas a satisfação dos interesses da personalidade, ou se, pelo contrário, aspiramos e respondemos a necessidades mais elevadas.⁵⁵ A atitude constitui assim a pedra angular da existência, é um pouco como o diafragma das câmaras fotográficas que, ao ser aberto ou fechado, regula a entrada da quantidade e da qualidade da luz.

A nossa identidade não está dada à partida, é algo que terá de ser conquistado através da expansão da nossa consciência e do aperfeiçoamento da atitude. Somos o resultado do trabalho interior e interno. Este é um longo processo de autotransformação e de apropriação de si mesmo, procurando expressar

possibilidades de existência mais evolutivas.⁵⁶ A qualidade da atitude decorre assim do grau de consciência. O seu alargamento altera para cima tanto o limite superior como o limiar inferior da nossa conduta.⁵⁷ Há certos comportamentos que deixamos de ter, porque se tornaram obsoletos, isto é, incompatíveis com o nível de consciência entretanto alcançado; por sua vez, pelo mesmo motivo, há também atitudes mais nobres que acabam por se impor e ganhar direito de cidadania, elevando o patamar do nosso carácter. Para além dos estímulos internos, a própria vida obriga-nos igualmente à transformação, isto é, à mudança de atitude, nomeadamente através da desilusão, frustração, erro, perda, dor, etc.

O saber que mais importa é aquele que tem uma relação directa com a nossa vida, com a aquisição do sentido da existência; aquele que é transformador, contribuindo para o aperfeiçoamento da atitude/carácter; aquele que desperta em nós a aspiração para irmos ao encontro da nossa essência. Este seria um saber edificante que nos intima a apropriarmo-nos do nosso próprio ser (auto-realização). Obviamente, tudo isto só é possível se o indivíduo em causa tiver a intenção genuína de se transformar, de se entregar ao mais elevado. Em última instância, devemos permitir que seja a nossa alma a sustentar a nossa atitude, ou noutros termos, a atitude mais elevada coincide com a abertura e receptividade à necessidade interna. Por isso, o aperfeiçoamento da atitude será porventura o maior serviço que podemos prestar a nós próprios e aos demais. A cada um de nós caberia polir o seu carácter como um espelho, para que este não interfira e deforme a imagem, passando a reflectir o que é correcto e necessário em cada situação. O objectivo seria tornarmo-nos espelhos da vida interna, permanecendo disponíveis para a verdade que nos corresponde.⁵⁸ Em suma, o aperfeiçoamento da atitude/carácter (o ético) seria a chave e a condição de acesso ao espiritual.⁵⁹

Um dos aspectos cruciais da mudança de atitude e da sua qualidade é o silêncio. Porém, uma coisa é o silêncio como renúncia, abstinência, mudez, não dizer palavra; outra, o silêncio profundo, meditativo, instrutivo e actuante. Haveria assim um silêncio como vazio, não dizer nada, e um silêncio como receptividade aos estímulos internos, como contemplação, intuição e sabedoria.⁶⁰ No primeiro caso está em causa a ausência de palavra falada ou escrita, porventura em resultado do reconhecimento da nossa ignorância, das limitações da linguagem, como sucede no final do *Tractatus*. Mas o silêncio não se esgota na renúncia à palavra ou até na quietude e controlo dos corpos da personalidade (físico, emocional e mental) como acontece com diversas técnicas de relaxamento e de meditação. Se bem que a condição necessária seja o aquietar dos "corpos inferiores",⁶¹ o fundamental é, na verdade, a aspiração e o fazer caminho em direcção ao mais elevado. Tal deve ocorrer sem qualquer ambição ou expectativa, pois só desse modo poderemos acolher o desconhecido, o transcendente.

Só é possível escutar um estímulo numa oitava superior (a voz da alma) depois apaziguarmos os impulsos da personalidade. O estímulo transpessoal só se faz ouvir quando somos capazes de transcender os interesses da personalidade. Haveria assim uma relação directamente proporcional entre a profundidade do

nosso silêncio e a revelação da verdade pela própria vida no nosso interno. É no silêncio, na nossa câmara interna, que podemos ter a intuição mais adequada e encontrar a saída mais evolutiva para as dúvidas e impasses da existência.⁶² Em suma, o silêncio seria a condição necessária para o encontro com a alma (instrutor interno). Só através dessa sintonia podemos obter o discernimento e a orientação para expressarmos, no aqui e no agora, o que é necessário e correcto. É nessas circunstâncias que podemos começar a viver o eterno presente.

Antes de abordarmos esta questão, vamos recordar alguns aspectos sobre o tempo e as suas dimensões. São vários os autores que referem que a condição humana é temporal.⁶³ Na verdade, estamos constantemente expostos a um conjunto de ritmos físicos e biológicos, ou seja, movimentos recorrentes, segundo regimes temporais muito diversos. Os primeiros vestígios técnicos, rituais e artísticos do homem primitivo revelam já uma certa tomada de consciência e desconfinamento face aos ciclos naturais.⁶⁴ A perplexidade perante o tempo levanta a seguinte questão: será que o tempo da nossa vida tem sentido e propósito (tempo qualitativo) ou resume-se a uma sucessão de agoras preenchidos pelas contingências da existência (tempo quantitativo), na expectativa do último e derradeiro agora (a morte)?⁶⁵ Apesar do tempo não deixar de ser para nós uma realidade abstracta, podemos discriminar duas posições mais extremas: uns assumem que o tempo finito é a realidade fundamental e constitutiva do sentido (Heidegger); outros defendem que o tempo não é real,⁶⁶ não existe,⁶⁷ que a consciência habita o eterno presente, que o próprio tempo seria “uma imagem móvel da eternidade”.⁶⁸ De facto, a nossa vida está indissolúvelmente associada ao enigma do tempo;⁶⁹ na sua abordagem mais extrema, uns situam o sentido da existência dentro do tempo finito, outros fora do tempo.

O presente é uma noção difícil de ser definida. Tal como é vivido por nós, não corresponde a uma sucessão de agoras. O presente não é uma realidade comum e universal.⁷⁰ O presente não se repete; Heraclito lembrava que quando nos banhamos no leito de um rio são sempre outras as águas que encontramos. Por outro lado, não sabemos quais são os limites do presente, onde começa e acaba, quer do ponto de vista temporal, quer ainda do ponto de vista espacial. Qual será a extensão ou a duração do presente? Quanto tempo demora a passar? Não sabemos. Ignoramos também a velocidade com que o presente se desloca na suposta linha do tempo. Para alguns, o presente seria uma linha divisória, um plano sem espessura entre o passado e o futuro, entre aquilo que já deixou de ser e aquilo que não é ainda.⁷¹ No *Parménides*, Platão fala da “natureza desconcertante [sem lugar] do próprio instante” (ἡ ἐξαίφνης αὐτῆ φύσις ἄτοπος).⁷² O presente não escaparia ao não-ser, na medida em que se constitui através da anulação daquilo que se faz presente. Neste sentido, não teria sequer espessura, dimensão, pois está a ser anulado a cada momento. De um certo modo, podemos dizer que o presente não se torna presente, não se constitui como tal, se a nossa experiência do mesmo estiver limitada à mera sucessão dos agoras que o constituem.⁷³ Este é o problema da consciência do presente.

Por outro lado, se o presente para se constituir depende de outras dimensões, do passado e do futuro, tal poderá pôr em causa a ideia de “eterno presente”.

Na verdade, não há possibilidade de vivermos no passado ou no futuro, estes só existem respectivamente na memória e na expectativa. Nada acontece no passado, mas no presente, assim como nada ocorrerá no futuro, mas no agora. Por sua vez, o passado está presente no presente sob a forma de lembrança, assim também o futuro está igualmente presente no presente sob a forma de expectativa. Não há viagens ao passado nem ao futuro a não ser na imaginação. Ao que parece, a única dimensão do tempo em que se vive é o aqui e o agora. Estamos constantemente condenados a viver no presente. Este confunde-se com a consciência, a única dimensão que torna tudo real.⁷⁴ Nós vivemos o presente como um estado contínuo,⁷⁵ uma corrente constante de vivências (Husserl),⁷⁶ porém também como um estado de síntese entre passado e futuro.

A expressão ‘eterno presente’ tem um significado paradoxal, dá a entender que o presente é inescapável, que seria a única realidade.⁷⁷ Sobretudo, sintetiza duas dimensões que parecem excluir-se, permanecendo nos antípodas uma da outra. Conjuga o agora, o efémero com a eternidade; associa o imanente ao transcendente, o devir ao ser, o que parece ser mais fugaz, a sucessão de agoras, ao imutável; o fora do tempo e do espaço àquilo que se encontra no espaço e no tempo; enfim, conjuga a finitude mais radical com a infinitude. A expressão tem a ‘lógica’ do símbolo da cruz, conjuga a horizontalidade da vida, a distensão temporal, o mundo, com a verticalidade do ser, com o eterno; simboliza portanto a intercepção entre o presente e a eternidade.⁷⁸

Para além da vertente temporal (eterno presente), haveria que considerar a vertente espacial (ser parte de um todo),⁷⁹ ou seja, a ideia de não separatividade a nível espacial e até a nível do ser (ontológico). Estaríamos todos interligados e não irremediavelmente isolados⁸⁰ e distantes. Claro que aqui colocam-se as mesmas aporias. Todavia, não se trata da mera anulação do individual em prol do Todo ou do Uno (Plotino); este seria também um processo gradual. Do narcisismo primitivo ao transpessoal, vamos tomando consciência de tudo aquilo que nos liga e que nos une. Na presente condição, nem estamos completamente separados,⁸¹ nem totalmente unidos.⁸² Enquanto partícula ou filamento de um todo, o propósito seria dar o nosso contributo em prol do colectivo. Esta tese tem obviamente diversas implicações éticas.⁸³

A noção de eterno presente está associada a duas acepções muito distintas: a ideia de viver cada momento com a maior intensidade possível e a ideia de viver o presente em alinhamento com a necessidade interna. Podemos ir ao encontro do momento propício (καιρός), procurar tirar o melhor partido de cada oportunidade, segundo a interpretação mais comum do *carpe diem* de Horácio.⁸⁴ Mas também é possível interpretar essa injunção no sentido inverso. Neste caso, o convite seria para vivermos o que a vida nos dá a cada momento em conformidade com os estímulos da alma, ou seja, assistir cada situação de acordo com a orientação interna. Eis uma possibilidade para dar conta da

“perspectiva do eterno” (*sub specie aeterni*) de que nos falou Wittgenstein.

Podemos assim discriminar duas posições mais extremas em face da ideia de “eterno presente”. Da perspectiva da finitude seria procurar viver intensamente, aproveitando cada instante como algo único, irrepetível; nas palavras de Vinicius de Moraes, algo “que seja infinito enquanto dure”. Um dos exemplos maiores é o conceito de “instante existencial” em Kierkegaard como condição do “estado estético”: viver com prazer o presente (dissociado do passado e do futuro). Desforrar-se das agruras da existência, vivendo cada momento como a única coisa de valor que a vida pode oferecer. Por outro lado, da perspectiva da infinitude, o eterno presente significa entrar em fase e permanecer em sintonia com o pulso interno da vida. Assumir a vida como um acontecimento estético, ético e espiritual, como “obra de arte de Deus” (Wittgenstein), com a qual, em alinhamento com o propósito maior, seríamos co-criadores.⁸⁵

Por muito estranho que pareça, viver o eterno presente implica renunciar ao livre-arbítrio, à convicção (ilusão) de que sabemos o que é melhor para nós e para os outros;⁸⁶ implica por isso o desapego aos condicionamentos externos e aos impulsos da personalidade (esquecimento de si),⁸⁷ pois só dessa forma será possível a obediência à necessidade interna. Só a alma, como representante do eterno à nossa escala, é suposta saber o que é melhor para todos em cada situação.⁸⁸ Nas palavras de Wittgenstein, “bom é o que Deus ordena” (*Gut ist, was Gott befiehlt*).⁸⁹ Para o filósofo austríaco, a única saída para a condição humana seria colocarmo-nos nas mãos do Ente Supremo, algo muito semelhante ao que encontramos em Kierkegaard.⁹⁰

O eterno presente confronta-nos com a aposta radical de encarar a vida como sumamente sábia.⁹¹ Desta perspectiva, quando ocorre uma determinada situação, é porque estamos em condições de a superar, dando-lhe o tratamento mais digno.⁹² Ninguém será confrontado com um desafio que não possa ultrapassar.⁹³ Cada situação da nossa existência constitui uma prova, uma oportunidade de aprendizagem. Mais, a sintonia com a vida interna, revela que o próprio desafio encerra em si, em filigrana, a solução, a saída mais evolutiva. Por isso, o nosso foco deveria estar naquilo que a vida oferece a cada momento, soltando o passado e também o futuro. Viver o eterno presente seria viver segundo a perspectiva da alma, percebendo que todos os acontecimentos da existência são na verdade situações propostas pelas leis internas, são provas espirituais. É isso que significa ter fé, viver na fé, ou seja, reconhecer em todas as conjunturas uma proposta da vida interna.⁹⁴ Desta perspectiva, o sentido da vida revelar-se-ia através de tudo aquilo que a própria existência nos apresenta e devolve em resultado da qualidade da nossa atitude.⁹⁵ Por isso, quem vive o eterno presente aceita com gratidão o que é proposto, adere ao desenrolar da própria vida. Só desse modo, enquanto remetentes dos estímulos da alma, ou seja, em fase com a necessidade interna, podemos cumprir a nossa missão. Esta seria a única forma de assistirmos o propósito evolutivo, realizando o sentido da existência. Assim, se é a vida que nos interpela a todo o momento, exigindo de nós respostas práticas e

éticas, então podemos dizer que, em última instância, é ela que, através dos seus desafios, nos pergunta pelo sentido a darmos à nossa existência.⁹⁶

Na verdade, a condição humana parece comportar uma discrepância de si para si, um descompasso entre o ego/personalidade e o ser interno (alma). A não coincidência connosco próprios deixa-nos aquém do que deveríamos ser, da melhor versão de nós próprios. Existe assim uma diferença existencial e disposicional entre estar em acordo consigo próprio e “estar em dissonância e contradição consigo mesmo.”⁹⁷ Esta discordância gera tensão, incómodo, mal-estar, má-consciência e, ao mesmo tempo, a exigência de concordância. Estamos assim intimados a coincidir connosco próprios. Wittgenstein relaciona o sentir-se bem, o ser bem sucedido com a possibilidade de se viver o presente: “Só quem não vive no tempo, mas sim no presente, é bem sucedido.”⁹⁸ Evitamos equívocos se traduzirmos o termo *glücklich* por *bem sucedido*, e não por *feliz*; pois a felicidade encerra em si inúmeros mal-entendidos. Na verdade, o resultado, o efeito anímico de se viver o eterno presente – em sintonia com a vida interna – corresponde à alegria autêntica (não à felicidade). Inversamente, podemos afirmar que a falta de atenção aos estímulos internos só pode gerar desencanto e descontentamento. O facto de respeitarmos ou não o nosso sentir mais profundo tem uma tradução disposicional sob a forma de bem-estar ou mal-estar. A qualidade do nosso sentir depende do afastamento ou da proximidade com a nossa vida interna. O genuíno contentamento seria o sinal do ajuste do nosso ser com a “forma da vida”. Por isso, para Wittgenstein, “a paz interior” (innerer Frieden) decorre justamente de se viver em sintonia com o eterno.⁹⁹

Há uma pergunta radical e desconcertante que sinaliza se estamos ou não a viver o eterno presente:¹⁰⁰ estás preparado para morrer (desencarnar) agora? A esmagadora maioria diria que não. Só quem vive alinhado com o seu propósito interno – quem vive o eterno presente – poderá responder positivamente a este repto. Só na condição de instrumento da alma podemos aceitar tudo o que a existência nos propõe, inclusive a própria morte (desencarne). Assim, no eterno presente já não há passado, procura, expectativa, mas apenas aceitação sábia e serena da vida.¹⁰¹ Só deste modo seria possível viver “na perspectiva da eternidade” (*sub specie aeterni*, Wittgenstein, Espinosa).¹⁰²

Em conclusão, Wittgenstein tinha em vista o sentido da vida humana e a saída para as nossas contradições existenciais.¹⁰³ Como vimos, o *Tractatus* termina de uma forma abrupta, propondo o silêncio (schweigen)¹⁰⁴ sobre o que mais importa: o estético, o ético e o místico. Da nossa parte, procurámos responder ao desafio lançado, ou seja, ir ao encontro daquilo que não se pode dizer.¹⁰⁵ Assinalámos que a principal dificuldade consistia na ideia de silêncio como mudez e na tese da transcendência de Deus. A nossa proposta passou, no primeiro caso, pela ideia de um silêncio activo e revelador, fruto de uma atitude de receptividade à vida interna; e, no segundo caso, pela hipótese da alma, enquanto representante mais imediato do eterno à nossa escala. A saída para a existência humana residiria em viver no eterno presente: viver nesta realidade em conexão com o

interno (eterno).¹⁰⁶ Vimos que o eterno presente consiste em atender às situações segundo a óptica da alma, e, por isso, de um modo correcto e necessário.¹⁰⁷ Eis a arte de lidar com a vida, com o tempo,¹⁰⁸ ou seja, viver no mundo estando ao mesmo tempo fora do mundo. Como vimos, tal implica a adopção de outra perspectiva, de outra atitude: aquela que a própria vida interna, a “forma da vida” (Wittgenstein) reclama de nós.¹⁰⁹

Uma palavra ainda sobre o eterno presente e a arte. Não nos interessa aqui o sentido que este último termo adquiriu através do uso corrente, associado ao contexto do chamado “sistema da arte”.¹¹⁰ No primeiro Wittgenstein, a estética (*Ästhetik*) não tem que ver com essas práticas nem com uma disciplina teórica sobre o belo (artístico ou natural),¹¹¹ mas sim com um ponto de vista singular sobre toda a realidade, com uma forma única de contemplar a vida, ou seja, na perspectiva da eternidade (*sub specie aeterni*): contemplar o mundo na sua magnificência como “obra de arte de Deus”.¹¹² Aqui, uma vez mais, a exigência do filósofo deixa-nos algo desamparados.¹¹³ Como poderíamos nós transcender a finitude e alcançar a perspectiva da eternidade, ou seja, passar a ver o mundo como Deus o vê?¹¹⁴ No nosso entendimento, viver o eterno presente seria a primeira etapa dessa longa caminhada. Do ponto de vista transpessoal, na sua acepção mais elevada, a arte suprema seria assim a arte de viver o eterno presente, ou seja, em sintonia com a necessidade interna da própria vida. Neste sentido, só há arte¹¹⁵ na medida em que formos capazes de realizar, em alinhamento com os estímulos da alma, o que é evolutivo em cada situação;¹¹⁶ caso contrário estamos a lidar apenas com expressões da nossa personalidade ou com o condicionamento colectivo. Se a necessidade interna é a condição da arte do ponto de vista transpessoal,¹¹⁷ então a arte coincide com a capacidade de vivermos o eterno presente. Aliás, este conceito permite esclarecer de outro modo o denominador comum à proposta wittgensteiniana de equivalência entre o estético (arte), o ético¹¹⁸ e o místico (espiritual). Todas estas vertentes essenciais da condição humana constituem-se e são sustentadas pela necessidade interna. Viver o eterno presente seria a antecâmara da “perspectiva da eternidade” de Wittgenstein.¹¹⁹ O silêncio profundo, a escuta interna, enquanto condição da verdadeira arte de viver (*ars vivendi*), da sabedoria,¹²⁰ seria também a condição maior da inspiração e da arte.¹²¹

Notas

¹ “Die Lösung des Rätsels des Lebens in Raum und Zeit liegt außerhalb von Raum und Zeit.” *Tractatus* [T], 6.4312.

² “Wenn man unter Ewigkeit nicht unendliche Zeitdauer, sondern Unzeitlichkeit versteht, dann lebt der ewig,

der in der Gegenwart lebt.” T, 6.4311. Um dos objectivos do nosso ensaio consiste em procurar a forma de compatibilizar estas duas proposições de Wittgenstein.

³ As grandes perguntas não têm uma resposta definitiva. Pode até suceder que desapareçam a partir de um certo patamar,

em resultado do incremento da nossa consciência, nomeadamente quando esta se eleva e se estabiliza num nível em que a pergunta já não se coloca, ou seja, quando a própria experiência da vida nos dá a resposta que procurávamos. Nas palavras de Wittgenstein: "A solução do problema da vida nota-se no desaparecimento desse problema (Die Lösung des Problems des Lebens merkt man am Verschwinden dieses Problems)." T, 6.521.

⁴ A questão do "mal natural", não gerado pelo arbítrio humano, constitui um dos argumentos fundamentais para a descrença numa vontade maior (Deus).

⁵ Esta não é apenas uma hipótese teórica (académica), nem mesmo uma mera aposta (pari) no sentido pascaliano, mas sim uma suposição que se pode traduzir numa compreensão da vida que é passível de se confirmar na nossa experiência.

⁶ Por exemplo, da perspectiva da finitude, a doença que encaramos como pura adversidade, infortúnio – gerando sofrimento e revolta –, poderá ser acolhida, da perspectiva transpessoal, com plena aceitação e até gratidão, descobrindo aí o início da cura, da purificação, da transformação e até do serviço.

⁷ Da perspectiva da finitude, os acontecimentos só 'me são dirigidos' no sentido em que me possam encontrar casualmente na sua rota.

⁸ Certas expressões a que recorremos aqui poderão parecer à maioria das pessoas abstractas, metafísicas ou até sem sentido. Na verdade são termos cujo referente não se constitui como objecto da experiência comum. A evidência da sua realidade resulta do trabalho interno, de uma relação aprofundada com a própria vida. Utilizando o jargão kantiano, assumimos que a experiência comum não coincide com toda a experiência possível, ou seja, que o "entendimento" (conceitos) e a "sensibilidade" (os dados dos cinco sentidos) não esgotam toda a nossa capacidade cognitiva e sensitiva.

⁹ Cf. Gagliardo, Daniel, *A Luz do Peregrino. A Entrega, Provas, Lei da Purificação e Lei do Serviço*, Lisboa, Espiral Editora, 2019 [ALdP].

¹⁰ Quando atingimos um certo grau de consciência, a verdade capta-se a partir dos estímulos internos, ou seja, revela-se através do nosso sentir interior mais profundo.

¹¹ Mesmo aqueles que não assumem essa possibilidade ficam por vezes na dúvida: "será que isto quer dizer alguma coisa?", "qual é o sentido deste acontecimento?", "parece que a vida me está a dizer algo", etc.

¹² Na psicologia, Jung, através do conceito de sincronicidade, foi dos primeiros a admitir a hipótese de uma certa "ligação entre acontecimentos" para além da "ligação causal" que conhecemos. Ao longo da sua obra, Jung deu várias definições do conceito de sincronicidade; afirmou por exemplo que seria a "coincidência, no tempo, de dois ou vários eventos, sem relação causal, mas com o mesmo conteúdo significativo." GW, VIII, p. 849.

¹³ Haveria que distinguir o espiritual da loucura. Pois, o delírio psicótico caracteriza-se justamente por uma voz que irrompe do real (Lacan), ou seja, por alucinações auditivas.

¹⁴ Veremos mais à frente que a expressão "eterno presente" poderá ser enganosa, pois o que está em jogo em cada momento não é o contacto com o eterno em sentido absoluto, mas sim com a porção desse eterno (alma) que nos cabe realizar.

¹⁵ Como representantes dessas leis ocultas, na tradição grega, temos as moiras (μοίραι) que tecem a todo o momento o nosso destino; na tradição hindu, temos a lei de causa e efeito num sentido alargado (karma).

¹⁶ Segundo Kierkegaard, o eterno está sempre presente, é ele que gera em nós o desespero existencial. A nossa condição implicaria um contacto permanente e tenso com o eterno. Ao não cumprirmos essa exigência, o resultado (o sinal disposicional) seria o tédio, o desespero e a até mesmo a angústia.

¹⁷ "Für den Menschen ist das Ewige, Wichtige, oft durch einen undurchdringlichen Schleier verdeckt. Er weiß: da drunten ist etwas, aber er sieht es nicht. Der Schleier reflektiert das Tageslicht." Tb, p. 80.

¹⁸ "Quem vive correctamente não sentirá o problema como uma tristeza, tão pouco como problemático, mas sim como uma alegria (wer richtig lebt, das Problem nicht als *Traurigkeit*, also nicht problematisch, empfindet, sondern vielmehr als eine Freude)." VB, p. 488.

¹⁹ "Die Lösung des Problems, das Du im Leben siehst, ist eine Art zu leben, die das Problemhafte zum Verschwinden bringt. / Daß das Leben problematisch ist, heißt, daß Dein Leben nicht in die Form des Lebens paßt. Du mußt dann Dein Leben verändern, und paßt es in die Form, dann verschwindet das Problematische." *Werkausgabe, Vermischte Bemerkungen*, Band 8, [VB], pp. 487-488.

²⁰ "Der Sinn der Welt muß außerhalb ihrer liegen." T, 6.41.

²¹ "A Lógica não é uma doutrina, mas uma imagem espelhada do mundo. A Lógica é transcendental (Die Logik ist keine Lehre, sondern ein Spiegelbild der Welt. Die Logik ist transzendental)." T, 6.13.

²² "Sätze können nichts Höheres ausdrücken." T, 6.42

²³ "Die Lösung des Rätsels des Lebens in Raum und Zeit liegt außerhalb von Raum und Zeit." T, 6.4312.

²⁴ "Die Welt ist dann an sich weder gut noch böse." Cf. *Werkausgabe*, Band 1, *Tractatus logico-philosophicus, Tagebücher 1914-16, Philosophische Untersuchungen*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1989. [Tb], p. 174.

²⁵ "Gut und Böse tritt erst durch das Subjekt ein." Tb, p. 174. O bem e o mal seriam apenas possibilidades da vontade transcendental do sujeito e não características do mundo (Eigenschaften in der Welt). Ou seja, noutra formulação: "o bem reside fora do âmbito dos factos (das Gute liegt außerhalb des Tatsachenraums)." VB, p. 454.

²⁶ Proibição semelhante àquela que encontramos na lei mosaica: a interdição de fazer imagens de Deus e até de pronunciar o seu nome.

²⁷ "Wovon man nicht sprechen kann, darüber muss man schweigen." T, 7.

²⁸ Por limitação e inadequação da linguagem humana, guardar silêncio

(schweigen) evitaria atraírcos a natureza indizível do mais elevado, estabelecendo, desse modo, uma fronteira entre o mundano e o transcendente.

²⁹ T, 6.4312

³⁰ A condição do sentido do mundo transcende o mundo: "Deus não se revela no mundo (Gott offenbart sich nicht in der Welt)." T. 6.432.

³¹ "Wenn man unter Ewigkeit nicht unendliche Zeitdauer, sondern Unzeitlichkeit versteht, dann lebt der ewig, der in der Gegenwart lebt." T, 6.4311. Este é obviamente um tema bíblico: "Procurai, antes, primeiro o reino de Deus e a justiça d'Ele; e todas estas coisas vos serão dadas. Não vos preocupeis com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã preocupar-se-á consigo mesmo. Basta ao dia <de hoje> o mal que lhe pertence" (ζητείτε δὲ πρῶτον τὴν βασιλείαν [τοῦ θεοῦ] καὶ τὴν δικαιοσύνην αὐτοῦ. καὶ ταῦτα πάντα προστεθήσεται ὑμῖν. μὴ οὖν μεριμνήσητε εἰς τὴν αὔριον. ἡ γὰρ αὔριον μεριμνήσει εαυτῆς: ἀρκετὸν γὰρ ἡμεῖρα ἢ κακία αὐτῆς). Mat. 6: 33-34. Adoptamos a tradução de Frederico Lourenço.

³² Para Leibniz, compreender as coisas na perspectiva da eternidade (*sub specie aeternitatis*) significa concebê-las como manifestações da essência divina.

³³ Em Boécio, "a eternidade é a posse total e perfeita de uma vida interminável" (aeternitas igitur est interminabilis vitae tota simul et perfecta possessio). *De consolatione philosophiae*, V, 6.

³⁴ Génesis 3:1-24.

³⁵ "Der Sinn der Welt muß außerhalb ihrer liegen." T, 6.41.

³⁶ Na verdade, o que está aqui em jogo é mais a possibilidade da presença e apelo do eterno em cada um de nós.

³⁷ Não se trata de uma mera hipótese, mas sim de uma possibilidade que se constitui ao mesmo tempo como a condição da sua procura e aquisição. Cf. Kierkegaard, Søren, *Adquirir a sua alma na paciência*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2007.

³⁸ Eis a confissão do 'credo ocultista' de Fernando Pessoa no último ano de vida: "Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses

mundos, em experiências de diversos graus de espiritualidade, subtilizando-se até se chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros Entes, igualmente Supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não.” *Carta a Adolfo Casais Monteiro*, Lisboa, 13 de Janeiro de 1935.

³⁹ Não entendemos a alma como o faz uma certa tradição, ou seja, como o princípio vital, constitutivo de todos os seres vivos. Também não nos revemos no conceito teológico de uma espécie de duplo espiritual do indivíduo. A alma seria sim o primeiro núcleo superior de consciência. Não deixa de ser absurdo julgarmos que podemos entrar em contacto directo com o Absoluto (Deus). Na verdade, o caminho para Deus tem na alma a sua primeira paragem. Por sua vez, a presença da alma revela-se através do mal-estar gerado por não cumprirmos aquilo que ela estimula: equanimidade (impessoalidade), harmonia, equilíbrio, sabedoria, serviço. Estes seriam os dons da alma. Por isso, quando expressamos esses dons, sentimos uma genuína alegria de vida.

⁴⁰ A expressão foi utilizada por Lacan a partir do *Seminário IX, A identificação*, sessão de 15 de Novembro de 1961. Fazemos aqui um uso irónico, pois ela significa em Lacan o avesso daquilo que aqui propomos.

⁴¹ Para funcionar como representante do “eterno”, a alma deverá estar em comunhão com níveis mais elevados de consciência.

⁴² Ainda que seja importante saber da importância do eterno presente, esse conhecimento não corresponde ao efectivo viver o eterno presente, ou seja, atender e orientar-se pelos estímulos internos. É aí que podemos encontrar a nossa verdadeira identidade, a nossa essência.

⁴³ Um dos exemplos das indicações internas, ainda que pela negativa, é a voz interior de Sócrates (Cf. *Apologia*, 31cd), as injunções do seu δαίμων (Cf. *Banquete*, 202d-203a), um mediador entre os mortais e os deuses.

⁴⁴ Em várias tradições e autores, nomeadamente no Egipto antigo,

acreditava-se que era necessário começar por ouvir o nosso próprio coração para se compreender a alma.

⁴⁵ Para além da experiência externa, é por demais evidente que existe também uma experiência interior (psicológica ou psíquica): emocional, sentimental, mental.

⁴⁶ Max Scheler fala dos “impulsos da consciência [ética]” (Regungen des Gewissens), acrescentando que “é também inerente a estes impulsos, por natureza, a relação de sentido com uma ordem invisível e com um sujeito espiritual-pessoal que preside a essa ordem (so wohnt auch diesen Regungen von Hause aus die Sinnbezüglichkeit auf eine unsichtbare Ordnung inne und auf ein geistig-persönliches Subjekt, das dieser Ordnung vorsteht).” Cf. *Reue und Wiedergeburt* (1917).

⁴⁷ “Ebbene, un simile Saggio, un simile Maestro esiste; è vicino, anzi presente in ognuno di noi. È l’lo superiore, il Sé spirituale. Per arrivare a lui occorre, sì, un viaggio, ma un viaggio nei mondi interni. Per raggiungere la sua sede occorre un’ascesa, l’ascesa verso le altitudini del supercosciente.” Assagioli, Roberto, *Lo Sviluppo Trans Personale*, Roma, Astrolabio, 1988, [LSTP], p. 69.

⁴⁸ Roberto Assagioli fala da necessidade de “uma adequada preparação psicospiritual [...] para captar as suas mensagens subteis, distinguindo-as de todas as demais vozes interiores, e também para compreender e interpretar correctamente o seu simbolismo.” LSTP, p. 69.

⁴⁹ “Il Sé ha il senso dell’eterno; o meglio, vive nell’eterno; ma nell’eterno ‘ora’, non in un eterno solo trascendente, scisso dal divenire evolutivo.” LSTP, p. 70.

⁵⁰ Em filosofia, fala-se da oposição entre a atitude filosófica e a atitude natural (senso comum). Na fenomenologia de Husserl, a primeira só pode instalar-se através da suspensão (ἐποχή) da segunda. As características da atitude filosófica incluem o espanto, a indagação, a dúvida, o questionar, a problematização, a crítica, a exigência de clareza, o rigor, a capacidade argumentativa (dialéctica), a fundamentação, a lógica, etc.

⁵¹ O carácter representa a síntese de todo o nosso percurso até ao presente. Contudo, apesar dessa herança, dispomos de alguma margem de transformação para melhor.

⁵² Esta é uma tarefa hercúlea: “O edifício do teu orgulho tem de ser desmantelado. E isso dá um trabalho medonho (*Das Gebäude Deines Stolzes ist abzutragen. Und das gibt furchtbare Arbeit*)”. VB, p. 485.

⁵³ Freud não acreditava na possibilidade de uma “pulsão de auto-aperfeiçoamento” (Trieb zur Vervollkommnung). Cf. GW, XIII, p. 44. Para ele, sublimamos porque somos forçados a isso por factores exteriores. Só a corrente transpessoal (Assagioli) admite a existência de estímulos superiores ou internos.

⁵⁴ Nas palavras de Sócrates: “quando age, não deve ter outra coisa em vista senão a correcção ou a incorrecção dos seus actos, e se é um homem de acções boas ou más (οὐκ ἐκεῖνο μόνον σκοπεῖν ὅταν πράττει πότερον δίκαια ἢ ἀδίκαια πράττει. καὶ ἀνδρὸς ἀγαθοῦ ἔργα ἢ κακοῦ)”. *Apologia*, 28b.

⁵⁵ Estamos a falar de necessidades maiores, isto é, relacionadas com o bem de todos nas diversas áreas da vida: ambiente, educação, cultura, sociedade, economia, política e evolução espiritual.

⁵⁶ Do ponto de vista transpessoal, a tarefa maior da existência seria diminuir a distância com o que já somos em essência, espelhando essa condição mais profunda nesta realidade material através dos veículos da nossa personalidade: corpo, sentimento e mente.

⁵⁷ Segundo a ética socrática, o mal provém da ignorância, de um grau de consciência limitado e obscurecido. Daí a aposta platónica na formação (παιδεία) como requisito indispensável para a expansão consciencial. Cf. Alegoria da Caverna. *República*, livro VII.

⁵⁸ Mais, só a abertura à necessidade interna, acompanhada do aprimoramento da atitude, poderá confirmar que o nosso sentir interno é autêntico. Por vezes, no caminho espiritual, não sabemos se o estímulo vem da alma ou da personalidade; ficamos na dúvida. Inicialmente, essa diferença não é óbvia. Só com o tempo é possível ter um

discernimento mais preciso, sobretudo em resultado do aperfeiçoamento da nossa atitude. Ou seja, só há dúvida e incerteza enquanto a entrega genuína ao nosso interno não for suficientemente elevada. Não há conexão com a alma sem uma atitude de serviço, sem que o ser se transforme num instrumento de assistência a necessidades maiores.

⁵⁹ Vários autores referem que o contacto com o espiritual, com os níveis superiores de consciência, depende sobretudo da atitude de serviço e da entrega incondicional ao ser interno (alma). O nosso ego, que não se esgota nos corpos da personalidade, deve revelar a capacidade de elevar o horizonte dos seus interesses e focar-se na vida interna. A nossa evolução (sublimação) dependeria da determinação do nosso ego em entregar-se à vida interna, em oferecer aos corpos da personalidade metas mais elevadas. Cf. ALdP, pp. 7-50.

⁶⁰ Haveria uma fala vazia e uma fala plena. Esta última, proveniente do silêncio profundo, seria um instrumento evolutivo. Tal significa que a fala não é incompatível com o silêncio, pelo contrário, deve ter neste a sua origem.

⁶¹ A nossa consciência deve ter controle sobre os pensamentos, as emoções e o corpo físico, mas esta é apenas a condição prévia, e portanto uma expressão inicial e limitada do silêncio. Na sua aceção mais elevada, o silêncio é a expressão da própria vida interna, o que significa que só o silêncio mais profundo pode preparar-nos para a verdade e conduzir-nos para o encontro com a nossa essência.

⁶² No silêncio profundo podemos captar diferentes padrões vibratórios, frequências, energias, imagens, símbolos; no fundo, elementos subtis que dão conta da realidade mais essencial das coisas.

⁶³ Na nossa existência individual, assim como na vida colectiva (história), os grandes marcadores do tempo são os acontecimentos mais significativos e traumáticos. O século XIX ficou marcado pelo final da Revolução Francesa e pelos seus ideais de liberdade (1799). O século XX começou com a tragédia do “inafundável” Titanic (1912), e definitivamente com o eclodir da I Guerra

Mundial (1914). Já o início do século XXI ficou associado ao ataque às torres gémeas em Nova Iorque, 11 de Setembro de 2001.

⁶⁴ Ao contrário do homem, o animal parece estar completamente refém do condicionamento biológico e dos ritmos naturais.

⁶⁵ Várias frases latinas chamam a nossa atenção para esse fim. A expressão latina *memento mori* significa: lembra-te da morte ou lembra-te que vais morrer. A expressão latina *respice finem* significa olhar para o fim. Esta foi a frase mandada gravar por Ivan Ilitch na medalha presa à corrente do seu relógio de bolso.

⁶⁶ O tempo seria sobretudo uma criação da mente concreta, uma certa interpretação abstracta do fluxo da energia.

⁶⁷ “No nível mais fundamental que hoje conhecemos, portanto, existe pouco que se assemelhe ao tempo da nossa experiência. Não existe variável «tempo» especial, não existe diferença entre passado e futuro, não existe espaço-tempo (Segunda Parte).” Rovelli, Carlo, *A Ordem do Tempo*, Lisboa, Objectiva [AOdT]. p. 174.

⁶⁸ No original: εἰκό δ' ἐπενοεῖ κινήτων τινα αἰώνος ποιήσει, καὶ διακοσμῶν ἄμα οὐρανὸν ποιεῖ μένοντος αἰώνος ἐν εἰ καὶ ἀριθμὸν ἰσούσαν αἰώνιον εἰκόνα. τοῦτον ὄν δὴ χρόνον ἠνομάκαμεν.” *Timeu*, 37d. A partir de 37c, Platão descreve a geração do tempo através da criação dos astros, imitando a eternidade que “gira em círculos segundo o número.” 38a.

⁶⁹ Nas palavras de Carlo Rovelli, “o mistério do tempo cruza-se com o mistério da nossa identidade pessoal, com o mistério da consciência.” AOdT. p. 178. Nesta obra, o autor resume as descobertas da física actual sobre o tempo do seguinte modo: “Inúmeras experiências comprovam praticamente todas as coisas narradas na primeira parte do livro: a desaceleração [do tempo] com a altura e a velocidade, a não existência do presente, a relação entre tempo e campo gravitacional, o facto de as relações entre os diversos tempos serem dinâmicas, de as equações elementares não conhecerem a direcção do tempo, a relação entre entropia e direcção do tempo, a relação entre entropia e desfocamento. Tudo isso está comprovado.” AOdT. p. 177.

⁷⁰ Do ponto de vista da física actual: “O presente comum a todo o universo não existe (capítulo 3). Os acontecimentos não são todos ordenados em passados, presentes e futuros: são apenas «parcialmente» ordenados. Existe um presente próximo de nós, mas não algo de «presente» numa galáxia distante. O presente é uma noção local, não global.” AOdT, pp. 173-4.

⁷¹ Em Aristóteles, o agora é o presente sem duração, instantâneo, o limite móvel entre o passado e o futuro. *Física*, IV, 219a,

⁷² 156d, p. 96.

⁷³ A nossa tendência para pensar o tempo como algo objectivo, como uma sucessão de agoras, encobre “a unidade ecstática da temporalidade” (Heidegger).

⁷⁴ Presentismo (do inglês *presentism*) é o nome da doutrina que defende que só o presente é real.

⁷⁵ Como mostrou Bergson, o tempo na ciência está “especializado”, não corresponde ao tempo vivido, ao tempo da consciência.

⁷⁶ *Ideen*, I. § 81.

⁷⁷ Nas palavras de Robert Assagioli: “O «eterno presente» (eterno agora) é uma expressão paradoxal que é intuída, mas que nos dá a chave de uma verdade fundamental: a relação entre o transcendente e o imanente, entre o ser e o devir. É a vida plena, que é precisamente a síntese do ser e do devir.” LSTP, p. 70.

⁷⁸ Verificamos que a grande parte das aporias associadas à noção de eterno presente decorre de pensarmos a síntese entre o presente e o eterno em termos absolutos.

⁷⁹ “Mas o corpo humano, o *meu* corpo em particular, é uma parte do mundo entre outras partes do mundo: entre animais, plantas, pedras, etc., etc. (Der menschliche Körper aber, *mein* Körper insbesondere, ist ein Teil der Welt unter anderen Teilen der Welt, unter Tieren, Pflanzen, Steinen, etc., etc.)» Tb, p. 177.

⁸⁰ A psicanálise lacaniana fala de um isolamento irremediável: o gozo do Um estaria sem relação com o gozo do Outro.

⁸¹ Não é difícil reconhecer que partilhamos o mesmo ar que respiramos, as mesmas águas, o mesmo planeta, etc.

⁸² Existem vários exemplos de experiências de “eterno presente”: amor, contemplação estética, estar absorvido em tarefas, criação artística, transe, êxtase místico, etc. No caso da relação íntima, ocorre não só uma suspensão do tempo, mas também da separatividade entre o um e o outro, ou até a experiência de fusão das polaridades sexuais.

⁸³ Seríamos todos responsáveis, cada um à sua medida. A transformação do indivíduo, ao abrir um precedente positivo – um padrão de conduta mais evolutivo –, teria efeitos benéficos sobre os demais.

⁸⁴ *Carpe diem quam minimum credula postero* (aproveita o dia presente e sê o menos confiante possível no futuro), frase presente nas *Odes* de Horácio.

⁸⁵ Essa seria a condição daquele que permanece receptivo aos estímulos da alma, plasmando nesta realidade o que é necessário e correcto. Tal condição impõe-se a partir de um determinado grau evolutivo de consciência. No momento adequado, a própria vida dirá a cada um que é chegada a hora da entrega à alma, de viver o eterno presente.

⁸⁶ Identificamos a nossa liberdade com a possibilidade de fazermos o que bem entendemos, com o arbítrio. Porém, do ponto de vista transpessoal, a liberdade decorre da entrega da condução da nossa vida aos núcleos superiores de consciência. Ou seja, só seremos livres se permitirmos que a nossa essência interna se expresse nesta realidade. Cf. ALdP, p. 20.

⁸⁷ É o esvaziamento da motivação pessoal que abre as portas ao impulso transpessoal, ao estímulo da alma. Cf. ALdP, pp. 36-37.

⁸⁸ Para se viver o eterno presente é necessário atingir-se uma certa condição de neutralidade, o que, por sua vez, requer o contacto com a vida interna, ou seja, com a fonte dessa mesma condição.

⁸⁹ *Werkausgabe, Wittgenstein und der Wiener Kreis*, Band 3, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1989, p. 115.

⁹⁰ Apesar de em ambos os casos ressaltar o conceito cristão de Deus, uma versão particular do Absoluto, o que está em causa é a entrega incondicional à manifestação possível do eterno em nós, ou seja, da alma.

⁹¹ Em última instância, só a experiência de cada um o poderá confirmar ou desmentir.

⁹² Viver o eterno presente não significa estagnação, inércia; pelo contrário, representa abertura à necessidade transpessoal, à transformação, ao desconhecido, ao inédito.

⁹³ Cf. ALdP, pp. 53-101.

⁹⁴ Não entendemos aqui a fé como crença cega num conjunto de dogmas decretados ou alegadamente revelados pelo divino através de um livro, profeta, teólogo ou instituição religiosa. Cf. ALdP, pp. 194-5.

⁹⁵ Ou seja, do retorno que obtemos por intermédio dos acontecimentos externos e do nosso sentir interior.

⁹⁶ Nas palavras de Viktor Frankl: “Ultimately, man should not ask what the meaning of his life is, but rather he must recognize that it is he who is asked. In a word, each man is questioned by life; and he can only answer to life by answering for his own life; to life he can only respond by being responsible.” *Man’s Search for Meaning*, New York, Washington Square Press, p. 131.

⁹⁷ No original: “Ἐμὲ ἐμοῦτὸ εὐτύχησον εἶναι καὶ ἐναντὶ ἀλέγειν.” *Górgias*, 482c.

⁹⁸ “Nur wer nicht in der Zeit, sondern in der Gegenwart lebt, ist glücklich.” Tb, p. 169.

⁹⁹ “Vive em paz interior! Mas como é que tu alcanças a paz interior? SÓ na medida em que vivo agradando a Deus. Só assim é possível suportar a vida (Lebe in innerem Frieden! Wie aber kommst du zum inneren Frieden? NUR indem ich Gott gefällig lebe! Nur so ist es möglich, das Leben zu ertragen). *Geheime Tagebücher 1914-1916*, Wien, Turia & Kant, 1992, p. 148.

¹⁰⁰ Esta pergunta revela igualmente a nossa dependência do tempo futuro. A resposta negativa manifesta que contamos ainda com muitos anos à nossa frente, que a nossa morte é um assunto adiado *sine die*.

¹⁰¹ Para o efeito, é preciso desapego e renúncia, permanecer verdadeiramente

livre do passado e das expectativas em relação ao futuro.

¹⁰² Viver o eterno presente seria a condição do sábio, do iluminado; um ser cuja existência seria a expressão plena da sua alma (essência).

¹⁰³ “Mas pode-se viver de tal forma que a vida deixe de ser problemática? De tal forma que se vive na eternidade e não no tempo?” (Kann man aber so leben, daß das Leben aufhört, problematisch zu sein? Daß man im Ewigen *lebt* und nicht in der Zeit?) T, p. 168.

¹⁰⁴ Esta silêncio é também uma forma de comunicar pela negativa, pela ausência.

¹⁰⁵ Ir ao encontro da sugestão deixada no final do Tractatus: “As minhas proposições esclarecem na medida em que aquele que me compreende acaba por reconhecê-las como absurdas, quando através delas – com base nelas – se elevou para lá das mesmas (Ele tem de, por assim dizer, deitar fora a escada, depois de ter subido por ela.” No original: Meine Sätze erläutern dadurch, daß sie der, welcher mich versteht, am Ende als unsinnig erkennt, wenn er durch sie – auf ihnen – über sie hinausgestiegen ist. (Er muß sozusagen die Leiter wegwerfen, nachdem er auf ihr hinaufgestiegen ist.) / Er muß diese Sätze überwinden, dann sieht er die Welt richtig.” T. 6.54.

¹⁰⁶ No *Novo Testamento* temos uma máxima que sintetiza bem a resolução deste paradoxo: estar no mundo sem pertencer ao mundo. Cf. Jo. 17:11-14.

¹⁰⁷ Uma vez consumada, esta seria a melhor hipótese para a possibilidade que Wittgenstein anuncia no final do Tractatus: “ver o mundo correctamente” (die Welt richtig sehen). “Ele tem de ir além destas proposições, depois vê o mundo da forma correcta (Er muß diese Sätze überwinden, dann sieht er die Welt richtig.)” T, 6.54.

¹⁰⁸ Só entrando em sintonia com a necessidade interna, podemos escapar à «tirania» do tempo.

¹⁰⁹ É através desse silêncio que podemos detectar os estímulos de níveis superiores de consciência.

¹¹⁰ É conhecido o veredicto de Wittgenstein sobre a impossibilidade de se dizer alguma

coisa com valor no domínio da arte: “Em arte é difícil dizer algo que seja tão bom como não dizer nada” (In der Kunst ist es schwer etwas zu sagen, was so gut ist wie: nichts zu sagen). VB, p. 481.

¹¹¹ De acordo com as notas de alguns estudantes, o segundo Wittgenstein alinhava pelo mesmo diapasão: “You might think Aesthetics is a science telling us what’s beautiful – almost too ridiculous for words. I suppose it ought to include also what sort of coffee tastes well.” Wittgenstein, Ludwig, *Lectures & Conversations on Aesthetics, Psychology and Religious Belief* (ed. C. Barrett), Berkeley, University of California Press, 1967, p. 11.

¹¹² Esta tese remete-nos para a etapa final (*Sabbath*) da criação do mundo (judaica) em que Deus viu que o que fez era bom (Gén. 1:31).

¹¹³ A transcendência de Deus na tradição judaico-cristã inviabiliza a “perspectiva da eternidade” para os mortais.

¹¹⁴ Wittgenstein propõe uma mudança radical do nosso ponto de vista ao ponto de conseguirmos olhar para cada um dos entes e para o mundo como criação divina no seu máximo esplendor.

¹¹⁵ Cada um expressa criativamente a sua condição, o seu estado: “É impossível escrever sobre si algo mais verdadeiro do que se é [...] Cada um escreve sobre si de acordo com a sua altura (Es ist unmöglich wahrer über sich selbst zu schreiben, als man ist. [...] Über sich schreibt man, so hoch man ist).” VB, p. 496.

¹¹⁶ Para Kandinsky, a fonte da criação artística deveria ser a “alma” (Seele) e a “necessidade interior” (innere Notwendigkeit). Porém, o pintor entende a “alma” como sinónimo do sentir psíquico e a “necessidade interior” como sinónimo do impulso artístico. Em alternativa a esta ideia de “necessidade interior” de cariz psicológico, propomos a expressão *necessidade interna* para dar conta de um estímulo verdadeiramente transpessoal, ou seja, uma motivação para além dos fins egoístas da personalidade.

¹¹⁷ Podemos dizer que a obra de arte, filha da necessidade interna, habita o eterno presente; nela o tempo e o espaço estão em suspensão.

¹¹⁸ Wittgenstein afirmou que a “ética e estética são o mesmo” (Ethik und Ästhetik sind Eins). T, 6.421. Nos *Diários de 1914-16*, o filósofo afirma o seguinte: “A obra de arte é o objecto visto *sub specie aeternitatis*; e a vida boa é o mundo visto *sub specie aeternitatis*. Esta é a ligação entre arte e ética” (Das Kunstwerk ist der Gegenstand *sub specie aeternitatis* gesehen; und das gute Leben ist die Welt *sub specie aeternitatis* gesehen. Dies ist der Zusammenhang zwischen Kunst und Ethik). Tb, p. 178. Cf. Azevedo, Leonel, *Ética e Estética em Ludwig Wittgenstein* (tese de doutoramento), Lisboa, FCSH-UNL, 2011; Azevedo, Leonel; Carvalho, Mário, *Uma conferência sobre ética*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

¹¹⁹ A contemplação não seria tanto a partir de fora, do exterior (von außen betrachten, nicht nur von innen”) como indica Wittgenstein, mas sim a partir da óptica interna. Cf. VB, p. 563.

¹²⁰ Esta seria uma aposta (hipótese) potencialmente resolutive para a condição humana.

¹²¹ O que está em causa não é fazer algo primoroso do ponto de vista artístico/ técnico, dinâmico, com originalidade, com verdade, mas sim algo que seja necessário ou evolutivo da óptica interna. Da perspectiva transpessoal, a criatividade deve estar ao serviço dessa necessidade maior.